

## **Portfolio: sonho grande, vida breve** **A história da revista digital pioneira, feita por professores e alunos da escola de artes visuais do parque lage, que só teve um ano de vida**

**Marilia Soares Martins<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Este ensaio conta a história da invenção de uma revista digital pioneira no Brasil, feita por professores e alunos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Narra o processo criativo de produção, mapeia o público-alvo, acompanha os modos de interatividade entre a revista e seus leitores num ambiente multiplataforma de alta transição tecnológica e de intenso esforço para garantir e ampliar a inclusão digital. Em paralelo, o artigo debate os bastidores das políticas de patrocínio cultural e educativo e, em meio à forte crise econômica, sua descontinuidade, o que fez com que a publicação tivesse apenas um ano de vida. A revista Portfolio foi um sonho grande, que durou um tempo muito breve. Como diz o verso de Caetano Veloso, na canção *Fora da Ordem*, “aqui tudo parece que ainda é construção e já é ruína...”

**Palavras-chave:** arte, arte contemporânea, revista digital, Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

### **ABSTRACT**

This essay tells the story of the invention of a pioneering digital magazine in Brazil, made by professors and students of the School of Visual Arts of Parque Lage, in Rio de Janeiro. It shows the creative process of production and the modes of interactivity with the audience, in a multiplatform environment of high technological transition and intense effort to guarantee and expand digital inclusion. In parallel, the article discusses the backstage of policies of cultural and educational sponsorship and, in the midst of the strong economic crisis, its discontinuity, which ended the magazine in 12 months. Portfolio magazine was a beautiful dream, that lasted a very short time. As Caetano Veloso's verse says, in the song *Out of Order*, "everything here seems to be still in construction and is already ruin..."

**Keywords:** art; art contemporain; digital magazine; Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

---

<sup>1</sup> Jornalista, professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio

O ano de 2013 permanece como um marco na história recente brasileira. As jornadas de junho, protestos que levaram multidões às ruas das maiores cidades brasileiras, começaram como revolta contra um aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus. Logo atingiram o ápice com a invasão do Congresso Nacional em Brasília, depois da forte repressão policial em São Paulo, no dia 13. Aquele junho tumultuado questionou a representatividade do Congresso, acirrou a disputa eleitoral de 2014 e, no ano seguinte, agravou o impasse entre Legislativo e Executivo, que levaria ao *impeachment* de Dilma Roussef, em maio de 2016. O ponto de inflexão exposto nas ruas em 2013 foi de reboiço e perplexidade. Era difícil interpretar 2013, sobretudo quando se estava no meio aquele redemoinho, ainda que a crise de representatividade fosse evidente. E também foi neste ano de agitação que a *Revista Portfolio* ganhou força, mas durou pouco. Ao fim de 2013, a revista saiu de cena. Melancolicamente. Para tão longo esforço, tão curta a vida. Teve um fôlego breve, mas deixou alguns rastros. E, como aquele ano de 2013, ainda tem muitas histórias para contar.

No mercado editorial, 2013 foi também um ponto de inflexão. Sobretudo entre publicações digitais. Num ambiente de alta transição tecnológica, e de intenso esforço para garantir e ampliar a inclusão digital, 2013 marcou uma inflexão no aumento do acesso à internet via celulares, que logo iria suplantar o acesso via computador. Se a última década do século XX significou a entrada em cena da web, a internet comercial, o primeiro decênio do século XXI representou um esforço gigantesco na implantação de infraestrutura a fim de democratizar o acesso à rede mundial e uma intensa movimentação de mercado para disponibilizar esse acesso em vários dispositivos. No Brasil, a primeira publicação digital de cultura com circulação em tablets, a *Revista Overmundo*, foi lançada em São Paulo em maio de 2011 e duraria seis edições bimestrais, encerrando em abril de 2012. No Rio de Janeiro, a *Revista Portfolio* ousou dar seus primeiros passos em fins de 2012, sendo parte de um projeto educativo mais amplo, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV).



Como promover o debate de ideias entre professores e alunos de uma escola de artes visuais e, ao mesmo tempo, abrir esta escola para o contato com o mundo ao redor, ampliando as possibilidades de discussão e desdobrando cada tema debatido em intervenções inesperadas? A *Revista Portfolio* foi uma resposta a esta demanda na EAV. Produzida por professores e alunos da instituição, com a colaboração de artistas e escritores convidados, e com a ajuda de um conselho editorial composto de pesquisadores de arte e literatura, a publicação da revista marcou um salto de conhecimento cultural e tecnológico para a escola nos anos de 2012 e 2013. Naquele período, a EAV, que até então tinha um site meramente administrativo, com dados sobre matrículas e cursos da escola, passou a contar com um site informativo, com uma seleção de textos, imagens e áudios sobre artes visuais e cênicas, além de uma revista para download em tablets e celulares.

A *Revista Portfolio* passou a ser o espaço virtual de uma instituição que tem uma personalidade singular no panorama carioca. A EAV é, simultaneamente, uma escola de artes e de um centro cultural, uma vez que no prédio onde ela se situa, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), há uma programação intensa de exposições, shows, sessões de cinema, performances, instalações, videoarte, encenações teatrais. O Parque Lage também é um lugar histórico, antiga sede de engenho de açúcar na época do Brasil Colonial, então Engenho Del Rey. Parte do terreno abriga as ruínas de uma antiga senzala. O engenho foi comprado por Antonio Martins Lage em 1859, tendo seu neto, Henrique Lage (1881-1941), herdado a propriedade em 1920. Ali, o empresário mandou construir uma mansão para sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni Lage (1888-1962). O parque guarda, assim, a memória de vários períodos da história carioca e, quando a propriedade passou para o domínio do governo estadual do Rio de Janeiro na década de 1960. O Parque Lage tornou-se um dos mais frequentados pontos de encontro de artistas do Rio de Janeiro, a partir da fundação da Escola de Artes Visuais, em 1975, cada construção em seu terreno, da velha senzala às cavalariças e ao casarão, ganhou novas funções, entre salas de aula, de oficinas, de arquivo, de exposições. E foi com este espírito de tornar-se um ponto de encontro, debate e experimentação que surgiu a *Revista Portfolio*, produzida por

professores e alunos da EAV. Ali se fazia um grande esforço coletivo e colaborativo no sentido de conquistar um espaço virtual digno de uma instituição tão singular.

### **Uma coleção de artes, experiências e histórias**

A palavra portfólio tem etimologia ligada às artes visuais. Sua origem, do italiano *portafoglio*, remonta ao século 18, quando era usada para designar uma valise feita para carregar folhas soltas de papel. Era a valise dos artistas. Logo virou sinônimo de coleção de trabalhos de artes visuais – esboços, desenhos, aquarelas, etc. E, com esse significado, a palavra foi assimilada em várias línguas. Em português, perdeu duas letras e ganhou um acento agudo na segunda vogal, a da sílaba tônica. Na internet, porém, outra mudança: perdeu o acento. E foi assim, sem acento, como se usa atualmente na rede mundial, que ela foi escolhida, em dezembro de 2012, para dar nome à primeira revista digital produzida pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio. Na rede mundial, a Babel do século 21, portfolio, sem acento, é hoje uma palavra de trânsito fácil, entre o português e o inglês, que traduz em vários sentidos o que se almejava experimentar nas páginas da publicação multimídia e multiplataforma, com circulação gratuita em tablets, celulares e computadores de todos os modelos e tamanhos.

A *Revista Portfolio* também queria ser uma coleção: de trabalhos de arte, de escritos sobre arte, de experimentação e ensaio. Uma coleção das artes, e do pensamento sobre artes, no século XXI. Assim, inscrita no mundo digital, com acesso multitoque e muita interatividade, a *Portfolio* seria um ponto de encontro, um espaço democrático para professores e alunos, para críticos, artistas, curadores, ensaístas, amantes de todas as formas de artes visuais e cênicas, sem perder de vista as artes transversais que se apresentam em trânsito, entre-gêneros e entre-linguagens. A revista foi idealizada, portanto, para ser um lugar de experimentação e debate, de invenção e de pensamento sobre arte, num naipe bastante amplo que iria do cinema às artes plásticas e à videoarte, das encenações teatrais às instalações e performances, da música e da dança aos múltiplos gêneros da literatura, da poesia

visual às animações e às artes digitais. *Portfolio* seria uma pioneira, e pagou o alto preço que costuma ser reservado aos pioneiros.

A aventura de produzir o primeiro número dessa revista tão especial foi um trabalho de paixão e de aprendizado na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi um esforço coletivo, que reuniu professores e alunos, além de curadores e pesquisadores convidados. A pauta da revista começou a ser pensada e debatida em reuniões de um conselho editorial que contou com nomes como Anna Bella Geiger, Glória Ferreira, Flora Sussekind, Ângela Leite Lopes, Carlos Alberto Mattos, Charles Watson, Ricardo Basbaum, Guilherme Bueno, Lilian Zaremba, Tania Queiroz, Cristina de Pádula, nomes oriundos de diferentes universidades, com os mais diversos focos de interesse. A editoria da revista ficaria a cargo de uma jornalista (Marília Soares Martins, que assina este artigo), com supervisão da então diretora da escola, Claudia Saldanha. A equipe da revista contava ainda com Joanna Fatorelli, Clarisse Rivera, Thiago Antônio, Lucas Leuzinger, Renan Lima. E a participação de Letícia Verona e Marcos Martins, do escritório Monocromo, que viabilizou a revista.

Os debates nas reuniões do conselho editorial não se limitaram à pauta dos assuntos a serem tratados na revista. Também a estrutura da publicação foi tema de conversas demoradas. Para tornar a revista ainda mais democrática e acessível, o conselho escolheu uma estrutura que acolhesse um espectro muito amplo de textos, vídeos e arquivos sonoros. A proposta editorial misturava reportagens, ensaios, entrevistas, artigos de opinião, trabalhos acadêmicos, poemas, contos, traduções. O projeto também previa trabalhos de videoarte e videogalerias com visitas comentadas a exposições, instalações e performances, trailers e cenas de filmes (algumas delas comentadas por cineastas e críticos), além dos mais variados tipos de arquivos de áudio, incluindo poemas sonoros.

O primeiro número colecionou muitas histórias, em textos de estilos bem diversos, da reportagem ao ensaio, da entrevista à videogaleria, de depoimentos de alunos a conversas entre artistas, passando pela arte de rua e pela poesia visual. Uma equipe de professores, alunos e funcionários da EAV começava a inventar o seu jeito de

fazer uma publicação digital multimídia. E este primeiro número exprimia um desejo de abertura para o contemporâneo, fazendo um instantâneo da produção de arte e cultura que sublinha, sobretudo, a sua diversidade.

O Conselho Editorial montou uma estrutura para a revista *Portfolio* que se dividia em 20 seções. A *Capa* poderia ser uma foto, um vídeo ou um áudio com pano de fundo. *Carta aos leitores* era um espaço para apresentar aquele número, em texto da editora; na mesma linha, o *Editorial* era a mensagem da direção da escola. *Panorama* era a seção dedicada a uma reportagem sobre a temporada carioca. A *Galeria* era reservada a visitas a mostras específicas, individuais ou coletivas, em geral na forma de uma sequência de vídeos. *Acervo* era o espaço para mostrar os arquivos da escola e os trabalhos de artistas que participavam de um projeto para fazer uma gravura nas oficinas da EAV. As páginas da *Hora do Café* traziam os comentários dos internautas e dos frequentadores da escola. *Cena aberta* era a seção de teatro, dança e artes cênicas. *Ars Mundi* era o espaço aberto para o que acontecia no mundo das artes, fora do Brasil. *Ponto de vista* abrigava artigos de opinião e *Contraponto* era reservado para a crítica de arte. Depois, vinham as seções *Transversais*, dedicada às artes entre-gêneros e entre-linguagens; e *Som e Fúria*, espaço para experimentações sonoras e pesquisas de áudio ou para artigos sobre esses temas. As páginas de cinema estavam na seção *Kinolage*. Havia páginas para um *Perfil* ou uma *Entrevista* especial, para debater ideias de um artista, um ensaísta, ou um escritor. Por fim, a área de *Ensaio* e, fechando cada edição da revista, uma *Contracapa*, com um trabalho visual ou sonoro de um artista ou de um poeta. Tudo isto sem contar as páginas do *Expediente*, do *Sumário*, do *Tutorial* de navegação.

### **Uma revista com sotaque carioca**

A primeira edição marcou seu sotaque carioca, ao dedicar boa parte da pauta aos eventos culturais da cidade do Rio de Janeiro. Fez um panorama dos novos museus da cidade, desde o Museu de Arte do Rio, inaugurado oficialmente em março



de 2013, aos projetos do Museu do Amanhã, que seria aberto em dezembro de 2015, e da nova sede do Museu da Imagem e do Som, em Copacabana, ainda fechada. Visitou o circuito de arte de rua da mostra OIR, com curadoria de Marcelo Dantas, em 2012. E transformou páginas em videogaleria digital, convidando a ensaísta Flora Sussekind a fazer um passeio pela retrospectiva de Ângelo Venosa no Museu de Arte Moderna do Rio, em 2012, com direito a uma conversa gravada entre os dois.

Na edição de estreia, a revista também se aventurava por outros circuitos de arte, fazendo um balanço da Documenta de Kassel de 2012, na seção *Ars Mundi* e, na seção *Contraponto*, trazia um artigo crítico sobre a Bienal de São Paulo, daquele ano. O primeiro número abria espaço para a pesquisa universitária sobre arte, ao publicar ensaio sobre uma arqueologia da arte contemporânea nos trabalhos de Georges Seurat (1859-1891) e de Marcel Duchamp (1887-1968), escrito pelo pesquisador francês Eric Alliez, da Kingston University, no Reino Unido, e da Université Paris-8, na França. Ou ao transitar com os personagens-mendigos pela literatura, pelo cinema e pelas artes plásticas brasileiras, tematizados no ensaio do pesquisador argentino Gonzalo Aguillar, da Universidade de Buenos Aires.

Nas páginas do primeiro número, havia também textos sobre a retrospectiva de Adriana Varejão, a mostra OIR, de arte de rua no Rio, com curadoria de Marcelo Dantas. A revista entrevistou, ainda, na seção KinoLage, a cineasta Sandra Kogut, que então estava iniciando a produção do filme *Campo Grande*, lançado em 2015. E acompanhou, com vídeo, o artista plástico Roberto Magalhães produzindo uma série de gravuras, nas oficinas gráficas da escola. A pesquisadora Lilian Zaremba fez uma visita a Inhotim e conversou com pernambucano Tunga (1952-2016) sobre o pavilhão que abriga os trabalhos do artista no museu de Minas Gerais, então recém-inaugurado.

As páginas dedicadas à arte que transgride limites de gêneros, chamada de *Transversais*, mostraram, em som e imagem, uma performance do grupo Chelipa Ferro no Parque Lage, misturando música, artes plásticas, teatro e cinema. A *Capa* daquela edição inicial foi ocupada apenas por um vídeo com a imagem do casarão do Parque Lage espelhada nas águas da piscina, com o logotipo da revista, criado



pelo designer Marcos Martins, professor da Escola de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A *Contracapa* foi dedicada a *Ossó*, um poema visual, em preto e branco, do poeta Augusto de Campos, especialmente cedido pelo autor.

Com esse primeiro número, a *Revista Portfolio* tornou-se disponível gratuitamente para o público, em dezembro de 2012. A festa de lançamento, no entanto, ficou para janeiro de 2013, após os feriados de fim de ano. Professores e alunos puderam então debater a primeira edição, durante o período dos cursos de férias. E, como a revista tinha como público preferencial, embora não exclusivo, os frequentadores da Escola de Artes Visuais, janeiro foi um mês estratégico para divulgar a novidade: atrairia tanto os alunos regulares quanto aqueles que desejavam se aventurar pelas atividades da escola, num período tradicional de férias escolares no vibrante verão do Rio de Janeiro.

O número inicial teve um conteúdo alentado e já trazia sua marca editorial: a mistura de reportagens, ensaios, entrevistas, artigos de opinião, peças de teatro, poemas visuais, peças musicais, videoarte, vídeos de performances, visitas virtuais a instalações e exposições, curta-metragens e cenas de longa-metragens, algumas delas comentadas por críticos de cinema. Foi uma festa ver professores e estudantes aprendendo a navegar pelas páginas da revista e comparando os recursos de navegação disponíveis em tablets, celulares e computadores. O lançamento da *Portfolio*, acessível tanto no sistema IOS quanto Android, teve repercussão na mídia tradicional (ver sobre isto <https://www.vimeo.com/83362127>).

O aprendizado coletivo foi um dos principais resultados no momento de fazer um balanço do processo de trabalho. A revista multiplicou os meios disponíveis para aprimorar a parceria entre professores e artistas. Foi fundamental também o treinamento da equipe da revista para fazer reportagens e trabalhar de modos diferentes a edição de textos, vídeos e áudios. A *Portfólio* ampliou a participação de professores, alunos, críticos e curadores, incorporando suas sugestões de pauta e suas colaborações. As páginas da revista foram debatidas, nas salas de aula e nos encontros promovidos na EAV, com os alunos e com curadores convidados, levando



também para a seção de comentários das contas de redes sociais da revista, sobretudo Facebook e Twitter, a repercussão de cada edição, muito além daqueles publicados na seção *Hora do Café*.

O maior problema: ganhar ritmo a fim de imprimir periodicidade à publicação. O projeto inicial era fazer uma revista quadrimestral, mas a realidade impôs uma frequência menor. Seria mais factível fazer uma revista semestral, com dois números por ano. E foi isto afinal o que se conseguiu fazer, com os meios de produção de que se dispunha, sendo a revista feita basicamente por colaboradores voluntários. O segundo número saiu em fins de junho de 2013 e o terceiro, que deveria sair em dezembro, acabou por atrasar, sendo publicado em fevereiro de 2014. A equipe preparava um quarto número para o fim do ano de 2014, mas a continuidade da revista foi descartada pela nova direção da escola. Em 2014, a EAV teve sua administração privatizada, repassada para uma organização privada, chamada Oca Lage. A privatização administrativa foi feita por meio um contrato, que seria desfeito dois anos depois, em função do desastre que a privatização causou na gestão da escola.

### **Críticos e artistas se encontram em videogalerias**

O segundo número da revista ampliou a variedade e a qualidade das colaborações. A *Capa* foi a primeira feita com vídeo, em torno de uma apresentação de videoarte e projeções artísticas no pátio interno da EAV, parte do Festival *Zeitkunst*, que em 2013 reuniu artistas brasileiros e alemães. A videoarte da capa foi feita com supervisão da artista plástica Tina Velho, professora de gravura e meios múltiplos da EAV, edição e montagem do fotógrafo e videomaker Thiago Antonio.

Entre as reportagens da seção *Panorama* estava o perfil (com texto, fotos e vídeos) da Casa Daros, um espaço para a arte latino-americana então recém-inaugurado no Rio (e que teria vida curta, encerrando atividades em 2015). A seção revelava ainda os planos e projetos arquitetônicos para a reforma da EAV-Parque Lage, com texto do crítico Paulo Sérgio Duarte, que, aliás, também estava presente na área de Acervo



da revista. O crítico aparecia numa videogaleria, em conversa com o artista plástico Antonio Dias, que visitava as oficinas do Parque Lage para produzir uma série de 36 gravuras, exposta na galeria carioca Mul.ti.plo. Os vídeos traziam os bastidores do trabalho na oficina, além da conversa entre artista e crítico, lembrando o percurso de ambos. Acompanhando as imagens, mais um artigo de Paulo Sérgio Duarte.

Nas páginas da *Galeria*, dedicadas a exposições da temporada carioca de 2013, imagens de duas mostras do MAM, a primeira intitulada *Carne Misteriosa*, do escultor português Rui Chafes no MAM do Rio, com texto do crítico Márcio Doctors, e a segunda chamada *Arquitetura de Vidro*, de Marcelo Campos, com texto do crítico e curador Luiz Camillo Osorio. Também marcaram presença na seção outras duas exposições: uma na Casa França-Brasil, de Carmela Gross, que mereceu texto de Evangelina Seiler; e a outra na Galeria Laura Alvim, de Rosana Ricalde, com artigo de Gloria Ferreira. Já, no que se refere à arte de rua, a *Portfolio* publicou um extenso material em vídeo das performances do coletivo Opavivará, acompanhado de artigo de Moacir dos Anjos.

Nas páginas dedicadas à crítica, a segunda edição da *Portfolio* publicou resenha do crítico Karl-Erich Schollhammer, professor da PUC-Rio, sobre os livros sobre o historiador de arte alemão Aby Warburg (1866-1929), que mereceram duas conferências do historiador francês Georges Didi-Hubermann e a exposição *Atlas, Suíte*, com curadoria do ensaísta francês e do fotógrafo austríaco Arno Gisinger. A exposição, realizada no MAR em 2013, exibia o projeto *Atlas Mnemosyne*, um conjunto inacabado de painéis onde Aby Warburg reuniu imagens de autores e períodos distintos. Na ocasião foram lançados os livros *A imagem sobrevivente: História da Arte e Tempo dos Fantomas Segundo Aby Warburg*, de Didi-Hubermann, *A Renovação da Antiguidade Pagã*, clássico de Warburg publicado no Brasil pela primeira vez, *Aby Warburg e a imagem em movimento*, do historiador da arte Philippe-Alain Michaud, curador da coleção de filmes do Centro Georges Pompidou, de Paris. Os três livros foram publicados pela editora Contraponto. Além disto, foi publicada uma resenha do livro *Sertão Adentro*, escrita pela editora da revista. Organizado por Lorelai Kury, o livro reuniu relatos de viagem pela região da



caatinga brasileira dos séculos XVI ao XIX, acompanhados de estudos de historiadores como Erivaldo Fagundes Neves e Heloísa Meireles Gesteira, entre outros. E com direito a reproduções de desenhos de época, tornando disponível um imenso acervo iconográfico da flora e da fauna brasileiras. Assim, a *Portfolio* se aventurou por mais uma área: os lançamentos do mercado editorial.

Nas seções *Contraponto* e *Transversais*, uma longa conversa entre Lilian Zaremba e o cineasta Arthur Omar (um dos nomes mais conhecidos do cinema alternativo brasileiro) e vídeos raros de Marcia X. (1959-2005), uma das *performers* mais polêmicas da cena contemporânea no Brasil. A área de cinema, chamada *Kino Lage*, trazia uma entrevista com o cineasta Eduardo Escorel feita pelo crítico Carlos Alberto Mattos., intitulada *Por um cinema do afeto*. Ali, na segunda edição, se inaugurou a análise de cenas de filmes em detalhes, com o comentário em áudio, partindo dos movimentos de câmera aos cortes e à decupagem, passando pela trilha sonora e tudo mais. O filme de Eduardo Escorel em questão era seu documentário *Paulo Moura, Alma Brasileira* (de 2013), sobre um dos maiores músicos brasileiros. Assim, crítico e cineasta debatiam não apenas o contexto de lançamento do filme em 2013 como também a linguagem cinematográfica em todos os seus meandros, alguns deles quase despercebidos dos espectadores.

Um dos pontos altos da segunda edição foi a videogaleria com uma entrevista exclusiva com a atriz Kate Valk e com Elizabeth LeCompte, diretora do Wooster Group, uma das companhias mais premiadas do teatro experimental americano. As duas fundadoras do grupo novaiorquino fizeram um balanço da longa trajetória da companhia, desde a década de 1980 e comentaram as montagens que marcaram a conquista de uma linguagem cênica muito original, combinando pesquisa de teatro alternativo e investigações de metalinguagem. Outro destaque foi a *Contracapa* do segundo número, com poemas visuais e vinhetas de Zuca Sardan, apelido de Carlos Felipe Saldanha, um dos mais conhecidos nomes do movimento da Poesia Marginal, surgido no Brasil da década de 1970.



Muito usado na *Portfolio*, o modelo de comentário feito em forma de conversa entre crítico e cineasta seria radicalizado na terceira edição da revista, que publicou a última entrevista do cineasta Eduardo Coutinho, morto em fevereiro de 2014. O material foi editado em vídeo após uma sessão de cinema no Parque Lage, que exibiu o filme *Santo Forte*. Depois da sessão de cinema, Coutinho discutiu seus filmes e também o panorama do cinema brasileiro, numa conversa conduzida pela pesquisadora Andrea Nestrea.

### **Bibliotecas, favelas e circuitos internacionais**

A temporada carioca teve forte destaque neste terceiro número. A começar pela seção *Panorama*, com amplo material em texto e vídeo produzido pela então diretora da EAV, Claudia Saldanha, comentando a abertura das bibliotecas-parque, uma nova rede de centros culturais instalados em diferentes comunidades, entre elas a Favela da Rocinha e o Complexo do Alemão, com uma entrevista com a diretora do projeto, Vera Saboya. Além de livros, as bibliotecas-parque tinham videoteca, discoteca, cinemateca, teatro, cozinha experimental e aulas para DJs. As páginas da Arte de Rua foram dedicadas a três grafiteiros cariocas, Joanna Cesar, Warc e Mario Band, todos entrevistados e com seus trabalhos comentados por professores da EAV: Anna Bella Geiger, Fernando Cocchiarale e Marcelo Campos. E nas páginas da seção Galeria, em que apareciam as exposições em cartaz, a *Portfolio* contou com textos, vídeos e fotos sobre algumas das principais atrações daquele segundo semestre de 2013: a mostra de Suzana Queiroga (*O Grande Azul*, no Museu de Arte Contemporânea, em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, que também abrigava uma retrospectiva do artista alemão Joseph Beuys; a mostra de Julio Le Parc na Casa Daros e a de Tacita Dean, no Instituto Moreira Salles, no Rio.

A seção internacional mereceu mais páginas, sendo bastante ampliada na terceira edição da revista. As páginas com o selo *Ars Mundi* traziam um artigo e imagens de Carlos Alberto Mattos sobre as instalações de vídeo e Lilian Zaremba comentava a



instalação Cordiox, ambos em visita à Bienal de Veneza de 2013. E havia ainda um artigo do americano Chip Lord, líder do movimento Ant Farm, com um balanço da apresentação dos trabalhos do grupo (arquitetura, *graphic arts* e *environmental design*) na Bienal de Arquitetura de São Paulo de 2013, com direito a fotos e vídeos do autor.

Duas entrevistas grandes ganharam destaque na edição. Uma entrevista feita por Claudia Saldanha com a gravadora Thereza Miranda, que participou do Programa Artista Convidado da EAV-Parque Lage e cedeu uma gravura para a escola. E a outra, feita por Antonio Sergio Bessa, diretor do departamento educativo do Bronx Museum of Arts, de Nova York, com o artista pernambucano Paulo Bruscky, performer, designer, fotógrafo e cineasta. A conversa fez um retrospecto da trajetória de Bruscky, desde os tempos em que iniciou suas atividades artísticas, na década de 1970, tendo participado ativamente do Movimento Internacional de Arte Postal, um dos pólos de resistência à ditadura militar brasileira.

No segundo número, a revista enveredou também pela pesquisa musical, seguindo passos do que já havia sido feito na edição inaugural com as experiências sonoras do grupo carioca Chelipa Ferro. A edição trazia um estudo do compositor e pesquisador carioca Rodolfo Caesar sobre a musicalidade dos pássaros e as possibilidades de se produzir (sem reproduzir) uma tal sonoridade por meios digitais. Rodolfo Caesar, além de ser um dos compositores mais ativos da cena experimental brasileira, é também pesquisador e professor da Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ensaio de Rodolfo Caesar uniu experimentação sonora e pesquisa eletroacústica nas páginas da revista.

A seção de teatro ganhou a tradução de monólogos de Gertrude Stein, feita por Inês Cardoso, tradutora e professora de Teoria Teatral da UniRio, autora também de um longo ensaio sobre a obra transgressora da autora americana. E o figurinista Marcelo Olinto fez um balanço de mais de duas décadas de trabalho da Companhia do Atores, coletivo carioca que iniciou em 1990 e que se tornou um dos mais ativos nas temporadas cariocas. E a seção *Som e Fúria* trazia uma tradução do *Manifesto da Arte*



*dos Ruídos*, do italiano Luigi Russolo, e como o texto se inscreve numa tradição de pensamento sobre a arte sonora, incluindo-se a sonoplastia no teatro.

O terceiro número da *Portfolio* abriu espaço para dois ensaios: Um de Carlos Alberto Mattos sobre o cinema de Nelson Pereira dos Santos, um dos mais longevos da cinematografia brasileira; e outro, assinado por Ana Bernstein, professora de teatro e performance da UniRio, sobre a fotógrafa americana Francesca Woodman, que, apesar de ter morrido muito jovem, teve seu trabalho fotográfico amplamente reconhecido, de modo a merecer uma grande retrospectiva de suas imagens em museus de grande porte, como o MoMA, em New York. A parte da revista dedicada às artes *Transversais* tematizou a poesia visual de Lenora de Barros, que teve sua exposição *Umas e Outras*, na Casa Laura Alvim, no Rio, comentada em artigo da curadora Glória Ferreira, com direito a entrevista em vídeo. Lenora de Barros cedeu também três poemas sonoros e um poema visual que ocupou a *Contracapa* da edição.

Se a edição anterior, com *Contracapa* do poeta marginal Zuca Sardan, já havia proporcionado um roteiro de navegação muito variado, fazendo um jogo interativo entre vinhetas, humor e poesia e dissolvendo fronteiras convencionais entre arte visual e literatura, no terceiro número este convite à interatividade foi ampliado com uma *Contracapa* com poemas de Lenora de Barros, que trabalhavam de forma provocativa som e imagem, especialmente na versão para tablets, em que a navegação enfatizava a passagem das páginas pelo movimento dos dedos e no ritmo do toque dos leitores. Nos tablets, a tela sensível ao toque faz uma grande diferença nos mapas de navegação e interatividade disponíveis ao público.

A pequena coleção de poemas de Lenora de Barros, fiel ao lema da “poesia verbivocovisual” de estirpe concreta, foi um belo fecho para a terceira edição da *Portfolio*, que também teve uma capa inovadora, por conta das imagens em vídeo de um sobrevôo de drone pelo casarão da EAV e pelo Parque Lage, no entorno da escola, desde a bela composição do jardim, passando pelas fontes e chafarizes espalhados pela escola, até o começo da trilha de mata atlântica, que ruma na direção da

montanha do Corcovado, um dos pontos mais altos da cidade. A capa, assinada por Lucas Saldanha, teve também uma trilha sonora de percussão especialmente composta para o terceiro número da revista. A produção da capa mobilizou também um esforço a mais na edição das imagens, sobretudo na sincronização entre a velocidade dos movimentos de câmera e o ritmo musical marcado por uma percussão sofisticada, entre citações de batuques de origens indígenas e africanos.

A recepção do terceiro número foi excelente, manteve afinada a capacidade de produção da equipe da EAV, mas o ano de 2013, todo marcado por intensos protestos de rua e impasses políticos, terminaria com indícios de uma crise econômica que se agravaria no ano seguinte, especialmente no estado do Rio de Janeiro, cujo governo concentrou investimentos em dois eventos internacionais consecutivos \_ a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 \_ e viu minguar suas receitas de tributos e royalties, em função da baixa do preço do petróleo, da recessão e dos escândalos de corrupção.

### **Entre o patrocínio e o mercado**

O projeto da *Revista Portfolio* contaria, em 2012 e 2013, com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, que até então administrava a escola, sem recorrer a intermediários. Mas a reviravolta do ano de 2013 mudou o horizonte da Escola de Artes Visuais. Até então, a prioridade da EAV eram os cursos livres e regulares, muitos dos quais gratuitos, de artes visuais. E, por se tratar também de um centro cultural, a EAV também arrecadava recursos com eventos de promoção comercial, sem prejuízo das temporadas de exposições, sessões de cinema, peças de teatro, shows musicais, recitais de poesia e dança, além de apresentações multimídia. E a equipe da escola, especialmente seus professores, também participavam de editais de pesquisa, em busca de patrocínios de empresas particulares. O ano de 2013, porém, com seu redemoinho de protestos e denúncias, mudaria os planos do governo estadual para a escola: fazer uma parceria público-privada, repassando a um grupo privado a administração da EAV, tendo por base um contrato de metas pré-estabelecidas no período de dois anos, renováveis por mais



dois. Haveria liberdade do grupo para mudar o perfil de cursos da escola, reduzindo o número de bolsas de estudos e selecionando os cursos livres com maior número de alunos pagantes.

A partir de 2014, então, a escola passaria para a administração privada de uma organização social, Oca Lage, que mudou inteiramente a estrutura da escola e os seus objetivos educacionais. O contrato assinado da parceria público-privada previa a manutenção da *Revista Portfolio*, reconhecendo as conquistas que a publicação permitiu para professores, alunos e funcionários da escola, além da sua grande audiência online. Com acessos que chegaram a somar 16 mil visitantes mensais em momentos de picos, o alcance dos textos multiplicou exponencialmente o público que, no caso dos livros publicados pela escola, tinha edições de três mil exemplares apenas. É bom lembrar que a EAV mantinha certa frequência de publicações impressas de arte, na maioria dos casos catálogos e livros monográficos sobre artistas, feitos em parceria com outras instituições, ou por meio de financiamento coletivo.

A nova direção da EAV, porém, descumpriu o acordo e não se interessou em manter a *Portfolio*. E a revista foi simplesmente deixada de lado. Teve três números, e nada mais. O quarto número estava praticamente pronto quando sua publicação foi cancelada.

A nova direção também mudou o perfil da escola. Em 2012, a ênfase da orientação educacional da escola era manter o espírito que havia norteado a EAV, desde sua fundação em 1975, segundo o projeto de seu primeiro diretor, o artista plástico Rubens Gerchman (1942-2008): ter no Rio um centro de cursos livres de arte, sem qualquer exigência curricular prévia, para ingresso em seus cursos, e sem compromisso com uma grade de ensino fixa. O Rio já contava com centros universitários de formação em artes, como a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A EAV não tinha ambição de virar um centro acadêmico. Queria ser um centro de cursos livres, organizados principalmente por artistas. Foi com esse espírito antiacadêmico que a escola do Parque Lage havia se tornado o

ponto de encontro dos artistas que fizeram, em 1984, a famosa exposição *Como vai você, geração 80?*, coletiva que reuniu, entre outros, nomes como Jorge Guinle Filho, Daniel Senise, Ângelo Venosa, Beatriz Milhazes, Luiz Pizarro, Barrão, Alexandre Dacosta, Leonilson. E a escola permaneceu assim até 2014, dando ênfase aos cursos livres, e especialmente às bolsas de estudo para que se democratizasse o acesso ao ensino de arte no Rio.

Neste ambiente, a *Revista Portfolio* era mais um passo fundamental na trilha da ampliação do acesso à informação gratuita sobre arte. E do ponto de vista da audiência, teve um desempenho surpreendente. Segundo medição de relatórios de audiência produzidos pelo *Google Analytics*, a primeira edição, em janeiro de 2013, teve 4000 acessos; em julho do mesmo ano, o número de acesso quadruplicou: mais de 16000 visitantes marcaram presença nas páginas da revista. E, ao longo do ano de 2013, a média de visitas girou em torno de 8 mil visitas. Nos números do relatório, o maior acesso se dava pelo computador, seguido pelo celular e apenas uma pequena porcentagem via tablet. E esta diferença era resultante, sobretudo, dos problemas de inclusão digital no Brasil e do perfil da população brasileira quanto aos hábitos de navegação.

Com acesso gratuito, a *Revista Portfolio* não tinha metas de audiência e nem compromissos com anunciantes. A colaboração dos professores, de autores e artistas convidados não era remunerada: tratava-se de colaboração voluntária, com fins educacionais. O trabalho da equipe da revista, em textos, vídeos, áudios e edição de artigos, fotos e animações, havia sido incorporado ao cotidiano dos funcionários do centro cultural. Funcionários e professores se revezavam na programação e cobertura de eventos e na produção da revista. Havia ali o sonho de dar maior visibilidade à escola, tanto em termos nacionais quanto no que se refere à repercussão internacional da sua produção, já que a revista abria suas páginas para entrevistas e artigos de convidados estrangeiros, dos mais variados centros de arte. Também neste sentido, a EAV buscava aumentar o número de parcerias e convênios que permitissem programas de intercâmbios de estudantes e de artistas residentes.



No Brasil, tratava-se de promover um diálogo mais profícuo e frequente entre as muitas regiões de um país de dimensões continentais. E era imenso o potencial de público no Brasil para uma publicação digital gratuita, com fins educacionais.

### **As muitas trilhas da navegação online**

O mapeamento do público brasileiro com acesso à internet, em 2013, revelava que a trilha mais promissora para publicações digitais seria a que privilegiasse acesso por vários meios \_ desktop, laptops, tablets e celulares, como era o caso da *Portfolio*. Na segunda década do século XX, o acesso à rede no Brasil mais do que dobrou e ainda assim continuou a atingir apenas a metade da população. Em 2011, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (Pnad), a faixa da população com acesso à internet no Brasil era de 46,5%, tendo saltado para este valor em apenas seis anos, já que em 2005 este acesso se limitava a 20,9% da população.

Num país com mais de 200 milhões habitantes, a rede era ainda disponível para menos da metade. Mesmo assim, em números absolutos, revelava-se ali um público em potencial impressionante. A Pnad mostrava em 2011 que 77,7 milhões de brasileiros com mais de 10 anos tinham acesso frequente à rede mundial. Também os dados coletados pela pesquisa de uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) em domicílios e empresas, patrocinada em 2010 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil ([CGI.br](http://www.cgi.br)) verificaram o aumento de computadores nos domicílios brasileiros, porcentagem que entre 2009 e 2010 passou de 32% para 35%. No caso dos notebooks, passou de 5% em 2009, para 8% em 2010, sendo que nas áreas rurais apenas 2% dos domicílios rurais possuíam computadores portáteis (Pesquisa disponível em <<http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm>>).

No caso da *Revista Portfolio*, era também importante saber a qualidade do acesso à internet, já que isto interferia diretamente na possibilidade de downloads e na



velocidade da navegação. Quando examina a porcentagem de domicílios conectados à Internet entre 2009 e 2010, a Pnad mostra que houve aumento de 24% para 27%, sendo que, na área urbana, foi de 27%, em 2009, para 31%, em 2010. O acesso discado foi registrado em apenas 13% dos domicílios da zona urbana. Já as conexões de banda larga fixa, estavam presentes em 68% dos domicílios urbanos com acesso à Internet, sendo que na área rural, em 2010, registrou-se crescimento de 9 pontos percentuais. Conexões de banda larga móvel (*modem 3G*), nas áreas urbanas, registraram o crescimento de 67%, em relação a 2009, e nas áreas rurais, 63%. Em relação ao local de acesso à Internet, as *lanhouses*, em 2010, ficaram em segundo plano.

Quanto ao perfil dos internautas brasileiros, verificou-se aumento expressivo de usuários com menor grau de escolaridade e de classes sociais mais baixas, ainda que as diferenças permanecessem grandes, já que apenas 7% dos usuários com ensino fundamental tinham acesso a serviços financeiros na rede, enquanto que na faixa com curso superior completo este acesso específico chegava a 31%. Este dado representa também uma grande diferença no acesso ao consumo *online*. Nas faixas de menor poder aquisitivo, o acesso à internet é preferencialmente usado para a comunicação online gratuita, via aplicativos de mensagem, e coleta de informação, incluindo serviços gratuitos de educação online. No tópico mobilidade, em 2010, verificou-se o crescimento do uso de celulares por pessoas na zona rural, com baixa escolaridade e, também, na região Nordeste. Registrou-se, então, que os aparelhos celulares já estavam presentes em 84% dos domicílios brasileiros, resultando no crescimento de 6 pontos percentuais em relação a 2009.

Este mapeamento do público brasileiro com acesso à internet revela que, em 2013, a navegação em desktop ainda era predominante, ainda que o acesso por smartphones estivesse numa trilha de crescimento exponencial. Por isto, a grande maioria de acessos por desktops da *Portfolio* era resultante do perfil de inclusão digital da população brasileira. Mas o acesso por *smartphones*, garantido em função de um programa de diagramação digital capaz de responder a demandas de diferentes meios de acesso, já revelava então maior capacidade de crescimento de



audiência. Isto produziu impacto também na diagramação das páginas da revista, que foi sendo, aos poucos, mais e mais verticalidade. O objetivo foi facilitar o acesso em celulares, ainda que a navegação horizontal fosse mais próxima ao espírito da revista impressa, permitindo, por exemplo, a diagramação de uma foto em página dupla.

Com um número muito baixo de tablets então vendidos no Brasil, a revista teve que publicar um tutorial de navegação em seus três números, para quem baixasse o aplicativo da revista em tablets. Na versão para computador, feita a partir de modelos do site *www.wordpress.org*, a navegação era bem mais simples, ainda que muito interativa. O mesmo ocorria em celulares. Em desktops e laptops, a diagramação era muito vertical, para privilegiar os textos, exceto nas galerias de fotos e vídeos, quando as imagens eram expandidas para ocupar o máximo de espaço disponível nas telas de vários tamanhos, usando um programa capaz de se adaptar ao tamanho da grade de visualização.

### **As diferentes orientações de leitura**

Esta diagramação vertical que valorizava os textos, somada aos problemas de acesso digital no Brasil, levou a uma reação surpreendente do público internauta: a revista teve um número impressionante de impressões de páginas ao longo de todo o tempo em que esteve no ar: nos meses de maior audiência, junho e julho, chegou a ter 90 mil páginas impressas, com média de impressões em cerca de 30 mil nos doze meses de 2013.

A grande quantidade de impressões se deveu também às limitações de download por grande parte do público, sobretudo o de baixa renda, em função da qualidade da conexão e do alto custo das assinaturas de banda larga no Brasil. Por causa disso, as entrevistas gravadas foram todas divididas em videogalerias, inclusive as conversas entre críticos e artistas. Cada inserção de vídeo tinha no máximo quatro minutos, de modo a permitir que cada segmento da conversa fizesse sentido por si e proporcionasse um título e uma legenda que resumissem o assunto tratado, sem



revelar em excesso o que era comentado em som e imagem. Isto também deu aos internautas a possibilidade de fazer a sua própria edição do percurso da conversa, tornando mais fácil e mais acessível o material filmado. Todos os cortes e trechos selecionados foram aprovados previamente com os participantes de cada vídeo, a fim de preservar o contexto do encontro, sem abrir mão da facilidade de acesso. Foi assim com o encontro entre a ensaísta Flora Sussekind e o artista plástico Ângelo Venosa, no percurso que ambos fizeram pela retrospectiva do artista no MAM-Rio em 2012.

No tablet, porém, a revista incentivava os internautas a trabalhar com diferentes orientações de leitura, vertical e horizontal. Estas orientações de leitura variavam de acordo com os caminhos sugeridos pela diagramação, sendo muito vertical nos textos longos e preferencialmente horizontal no caso dos vídeos, das animações, dos trailers e dos fragmentos de filmes, das galerias de fotos. O tratamento das imagens e dos poemas visuais nos tablets também causava mais impacto. A mobilidade dos tablets permite que fazer jogos de orientação de leitura, entre vertical e horizontal, que são muito interessantes. A diagramação em página dupla destacava algumas seções da revista nos tablets. As contracapas tinham mais possibilidades interativas, pela sensibilidade ao toque que a tela do tablet exhibe e pelos diferentes movimentos possíveis com os dedos, da expansão das imagens aos deslocamentos, das formas diferentes de controle dos áudios, do volume à distribuição dos sons numa página. Um bom exemplo foi o grupo de poemas sonoros e visuais de Lenora de Barros, publicados na contracapa do terceiro número da revista.

A diferença no tamanho de tela entre tablets e celulares, porém, não permitia as mesmas possibilidades interativas em smartphones. O percurso em telas pequenas sensíveis ao toque era menor. O mesmo ocorria com as dimensões dos recursos de expansão de imagens. Ou com a distribuição de elementos interativos numa mesma tela. Neste sentido, a navegação em celular tinha alguns obstáculos também no jogo interativo entre palavra e imagem, devido aos limites de tamanho da tela para acomodar ambos, sem fracionar em duas páginas. Estas diferenças de diagramação e orientação de leitura em meios móveis foi outro grande aprendizado da equipe da



*Portfolio*, diante da recepção da revista por seu público de acesso tão diversificado. Em 2013, esta experiência já revelava que os dilemas da revista estavam diretamente relacionados ao modelo de inclusão digital no Brasil, que seguiu e privilegiou o caminho dos *smartphones*.

Como evoluiu a inclusão digital até 2017? Bem menos do que então se imaginava, segundo a Pesquisa TIC Domicílios mais recente, a de 2015. No Brasil, a nona maior economia do mundo considerando o critério do Fundo Monetário Internacional de Produto Interno Bruto (PIB) nominal, apenas metade (51%) dos domicílios têm acesso à internet, de acordo com a TIC Domicílios 2015, realizada pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), que foi divulgada em setembro de 2016. O percentual ficou estável em relação à pesquisa do ano anterior (50%). Ou seja, pelas regras de mercado, a conexão por banda larga fixa em domicílios atingiu o teto, apesar de ainda estarmos tão distantes da universalização. Ainda de acordo com a TIC Domicílios 2015, pela primeira vez o número de brasileiros que acessam a rede mundial pelo celular superou o de brasileiros que acessam a internet em computadores. A pesquisa mostrou que 89% dos usuários da rede no Brasil usam celular; nas classes A e B, é comum o uso de vários dispositivos e nos segmentos C, D e E, usa-se mais a internet por *smartphone*. Para quem não tem *desktop* ou *tablet*, o celular é o único meio de inclusão social.

O número alto de impressões das páginas da revista revela também o desejo de guardar aqueles textos e imagens de forma que não dependesse do tempo e da qualidade da conexão online, mesmo que este expediente comprometesse em parte as facilidades dos recursos da navegação na internet. Para se ter uma ideia do alcance deste modo de divulgação, basta dizer que cada edição comercial impressa de um livro no Brasil tem cerca de 3000 exemplares. Este número, comparado às 90000 impressões da revista nos meses mais movimentados de 2013 comprova o potencial de democratização do acesso ao conhecimento de uma publicação online gratuita. E, como a revista foi retirada do ar depois da privatização da gestão da escola, este recurso mostrou-se também o mais seguro para garantir acesso permanente àquelas páginas.



Outro ponto relevante, na pesquisa de 2015, foi saber qual tipo de conexão mais se usa no Brasil, porque os planos de dados no país ainda são muito caros. Assim, nas classes C, D e E, há preferência pela conexão Wi-Fi, cuja disponibilidade depende do ponto de acesso e, quando gratuita em locais públicos, é uma alternativa às redes 3G e 4G. A pesquisa de 2015 também fez estratificação por atividades. No Brasil, uma das mais relevantes no uso da internet é mandar mensagem por WhatsApp, por Skype ou pelo Messenger do Facebook. Cerca de 85% dos internautas brasileiros fazem isso. A segunda atividade mais comum é o uso de redes sociais, sobretudo Facebook e Instagram. O perfil do usuário da internet no Brasil é preponderantemente jovem. Quanto mais jovem o estrato, maior a parcela de pessoas que usa a internet. Quando se olha detidamente as redes sociais, a faixa etária em que o uso é maior é a de 16 a 24 anos: 88%. Na faixa de mais de 60 anos, cai para cerca de metade (56% das pessoas usam as redes).

Em 2013, a *Revista Portfolio* fez uma grande campanha para popularizar o seu conteúdo para o grande público das redes sociais da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, além de amigos de professores, alunos e funcionários. Muitas de suas páginas estavam disponíveis em *links* na conta de Facebook da revista, que continuou a colecionar seguidores mesmo depois de ter sido abruptamente retirada de circulação. Os *links* disponíveis nas redes sociais, Facebook e Twitter, foram os maiores responsáveis pelo elevado número de visitas e visualizações de páginas da *Portfolio*, sobretudo nos meses de junho e julho de 2013, quando a revista atingiu a marca de 16000 visitas em um mês.

O ano de 2014, porém, marcou o fim da *Portfolio*. O quarto número foi cancelado, e a primeira providência do grupo privado, composto de investidores e galeristas, que assumiu foi mudar o site da escola e tirar do ar publicações da gestão anterior. O grupo também mudou o perfil da escola, cancelou centenas de bolsas de estudo, reduziu o número de professores e de cursos, e acelerou a exploração do Parque Lage como um centro de eventos corporativos. Mas, a partir de 2015, a crise econômica e política brasileira revirou de novo horizontes e expectativas. A gestão privada da EAV foi um fracasso, o contrato foi rescindido. E a administração da



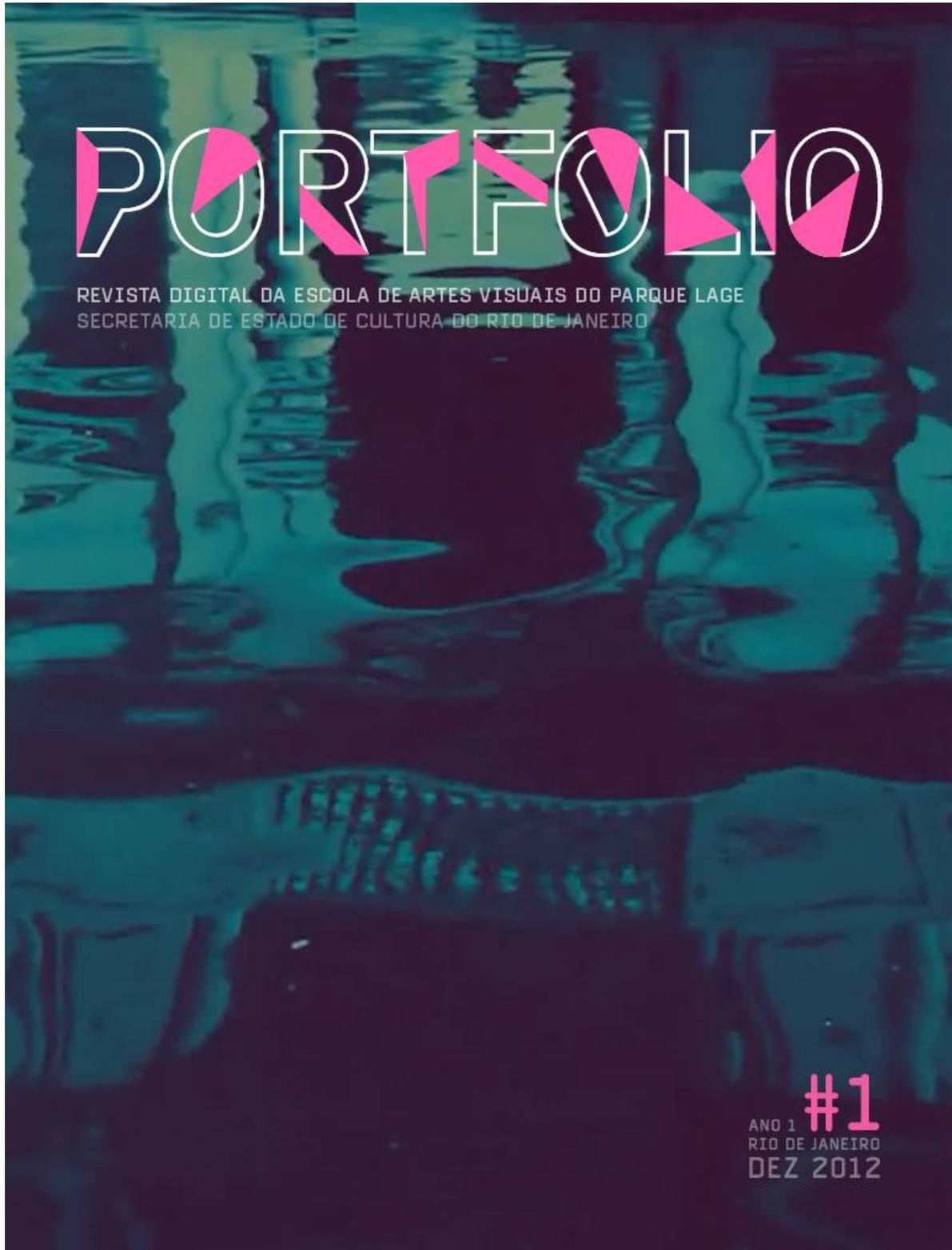
escola voltou a ser estatal, depois de uma crise intensa. Não havia mais como retomar o projeto da *Portfolio*, em função do corte dramático de verbas estatais, por força da maior crise econômica vivida pela estado do Rio de Janeiro em toda a sua história. E também pela impossibilidade de contar com anunciantes ou com patrocínios privados, num cenário de recessão.

Com o fim da *Portfolio*, a grande demanda por impressões dos textos da revista ao longo de 2013 revelou-se premonitória da extinção do acesso digital ao seu conteúdo. Era como se a grande maioria dos leitores, premida pela falta das comodidades da banda larga, encontrasse ali uma forma de guardar ao menos o texto, mantendo assim, ainda que de forma precária, as páginas da revista ao seu alcance. Hoje, em 2017, passado algum tempo dessa experiência coletiva, boa parte do grupo responsável pela sua produção ainda debate uma possibilidade de trazer de volta à rede o acesso aos números que foram publicados, num site de memória da revista. O dia em que isto for possível, este site vai ser anunciado na página do Facebook da Portfolio EAV. Para que não se deixe cair no esquecimento essa grande aventura coletiva de professores, alunos e funcionários de construir a sua arena virtual de debate e fazer com que suas experiências artísticas, por múltiplos meios, ganhassem mais e mais audiência, visibilidade e acessibilidade, nas conexões abertas da rede mundial.

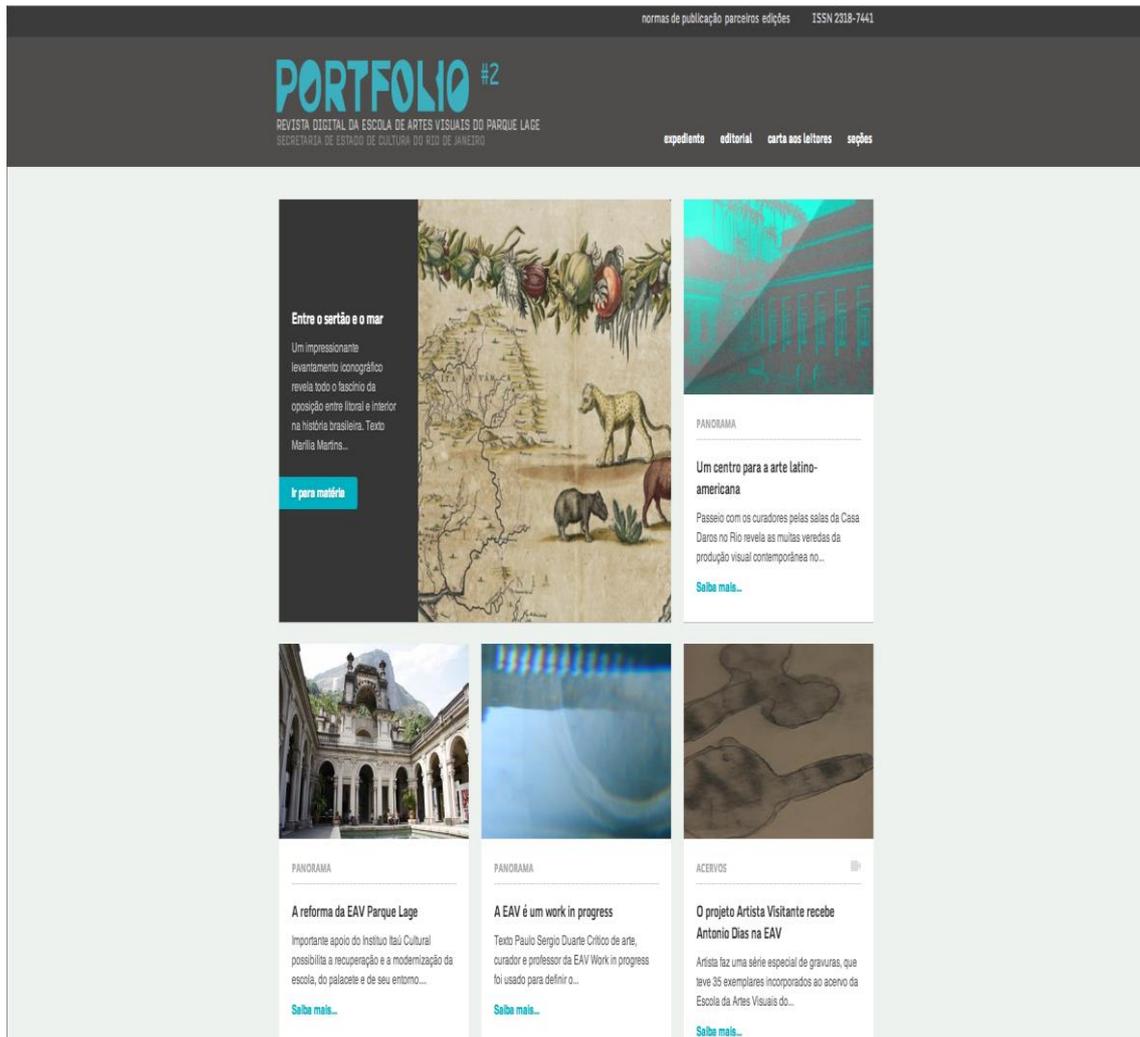
## **REVISTA PORTFOLIO**



*Portfolio 01. Contraponto:* Seqüência das páginas da seção Contraponto, no primeiro número da Revista Portfolio, que mostra em videogaleria a visita da ensaísta Flora Sussekind à retrospectiva de Ângelo Venosa, no MAM-Rio, em 2012



*PORTFOLIO01.Capa: Imagem do casarão da EAV refletida na piscina, fraude do vídeo da capa da primeira edição da revista*



Portfolio02.versão.site: Imagem da versão em site da Revista Portfolio



FAÇA O  
DOWNLOAD  
PARA IPAD



FAÇA O  
DOWNLOAD PARA  
TABLET ANDROID



ACESSE  
O SITE



**PORTFOLIO #3**

REVISTA DIGITAL DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO

 GOVERNO DO Rio de Janeiro  
SOMANDO FORÇAS

 SECRETARIA DE CULTURA

 ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

 Itaú

 Ministério da Cultura

 GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

*Cartaz.Portfolio03*: Cartaz de divulgação do lançamento da Portfolio 03 no Parque Lage, usando QR-Code para estimular o download gratuito da revista



